

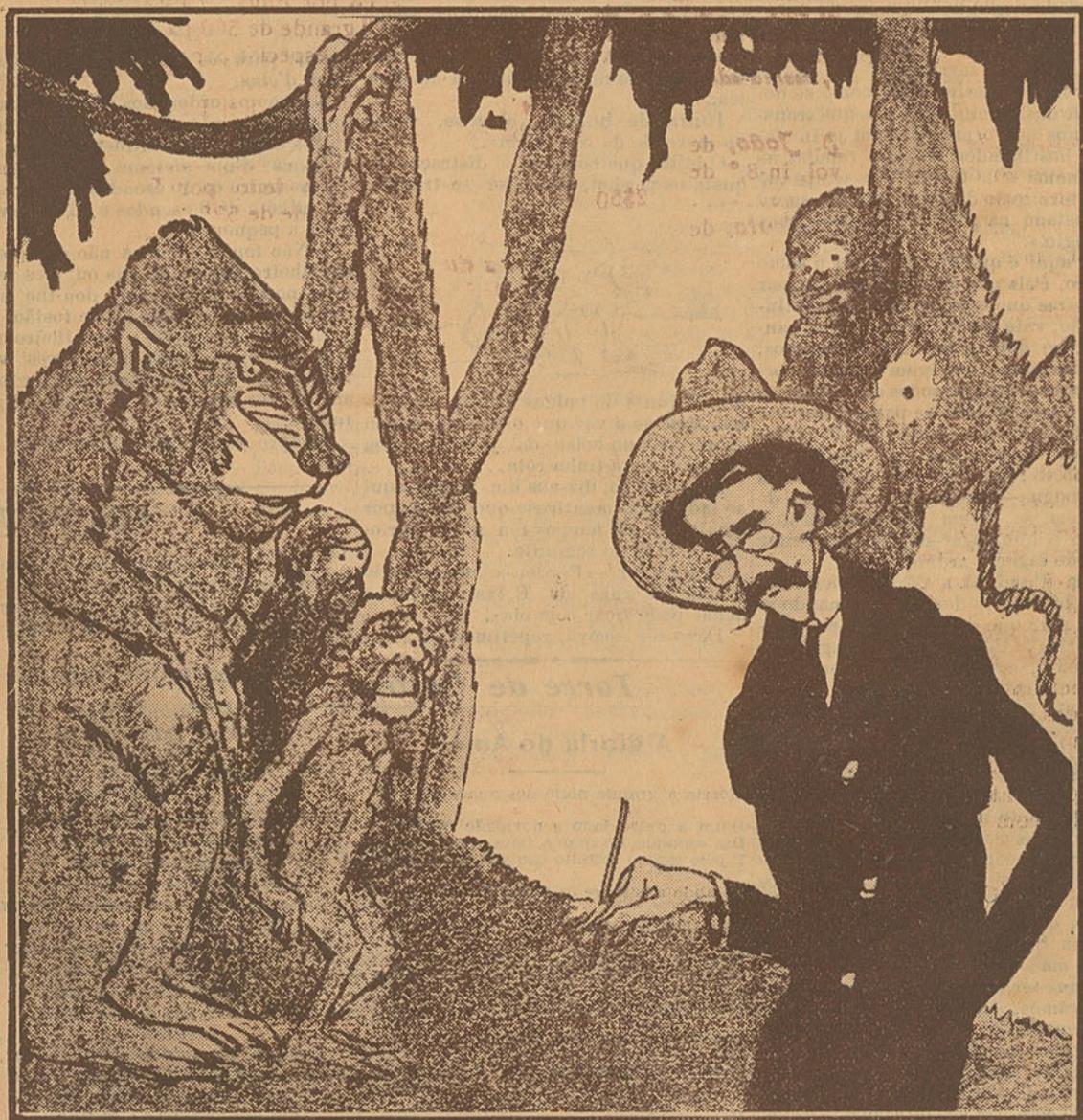
O Seculo Comico

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

Teorias de Darwin



Bem se vê que o homem descende do macaco.



PALESTRA AMENA

Não ha trocos

Politica internacional

Como toda a gente sabe, o sinatario d'estas desenfastiadas linhas é, alem de pessoa bem pareida, enciclopedico. Isso mesmo tem provado nestas palestras, em que a variedade dos assuntos corre parelhas com a proficiencia com que são tratados.

Posto isto, vamos lá a um bocadinho de politica internacional, que versamos com rara pericia, e sirva-nos de pretexto a questão entre as republicas da America Central, o Panamá e a Costa-Rica, actualmente em foco.

Por telegramas ha dias recebido sabe-se que as hostilidades se romperam, e outras noticias tem vindo a lume, mas a verdade é que nenhum jornal ainda pôz a claro as origens do desaguis do entre aquelas nações. Disputa sobre a posse d'algum territorio? E' muito provavel que assim seja, como se depreende das seguintes linhas, que transcrevemos do Jornal: «Foram já iniciadas as hostilidades entre as republicas do Panamá e da Costa-Rica, ocupando esta o territorio do Coto, que até agora tem estado na posse do Panamá, mas em litigio.»

Ora aqui é que vamos meter o sabio bedelho. Pois por um simples côto, por mais caras que estejam as velas de iluminação, vale a pena fazer correr sangue entre dois povos tão simpáticos, a um dos quais nos ligam relações cordialissimas, porque todos os verões nos fornece um chapen de palha? Por um côto! Se fuisse por uma caixa de velas, compreendia-se; por um pacote, vá que não vá; por uma vela unica, ainda não repugna—mas por um pedacito, d que nem se dizem as dimensões, o mesmo é que jogar-se a vida por uma ponta de cigarro ardido!

Alem d'isso, se a Costa-Rica é rica, como ela propria declara, chamando-se assim, para que demonio quer ela mais territorios? Pequeno é Portugal, no continente, e nunca se lembrou de tirar nenhum côto á Espanha, apezar d'ela não ficar empobrecida por semelhante espoliação!

A' ultima hora chega-nos a novidade que os Estados Unidos vão intervir. Ainda bem! A boda e a baptisado não é conveniente assistir sem se ser convidado, mas se em casa d'um visinho estiver um côto a arder, em riscos de lançar o fogo ao predio e aos predios contiguos, é licito que de fora o vão apagar, quando os de dentro o não fazem, ou quando, como agora, ainda ateiam mais a chama,

Creemos ter demonstrado o que acima asseverámos, isto é, que somos uns alhos em politica internacional. E não se imagine que fizemos apenas um jogo de palavras, confundindo o Coto terreno como côto de vela; a nossa vista é mais larga. O côto por nós introduzido é simbólico e trouxemo-lo á discussão para que o caso sirva de exemplo a alguma nação europeia a quem apeteça a esta-

rina que ontra, paredes meias, possua era certo e mais que certo que de fora também, como aconteceu na America, a'guem se apressasse a não permitir atrevimentos—no caso de ser necessaria tal intervenção, que não era.

E por aqui nos ficamos, porque temos mais que fazer.

J. Neutral.

Anuncios

Não nos demos mal em explorar humoristicamente dois anuncios, no ultimo numero do «Seculo Comico», a julgar pelas gargalhadas que surpreendemos em varios individuos que encontramos a ler o nosso magnifico semanario.

Em vista do que, lá vai outro, que foi publicado no «Jornal», um dia d'estes:

Junta de bois—«Achou-se, vinda do mercado de Santarem».

O leitor que comente a distração de quem os perdeu, como se se tratasse



d'uma junta de pulgas ou de mosquitos. Está-se a ver que o homem meten os animais no bolso da jaqueta, sem reparar que a tinha rôta...

A proposito, diz-nos um amigo aqui ao lado (bem mentiroso que ele é, por sinal) que em tempos leu n'um periodico o anuncio seguinte:

Mulher—«Perdeu-a um marido n'uma das ruas da Bixa. Quem a achar pode ficar com ela».

Deve ser escova, repetimos.

Torre de Chifre

A gloria do Amor

Morrira a grande noite nos anaes da Histo-

D'um a outro lado a novidade correu: Das espumas do mar o Deus-Amor nasceu E pelo espaço infinito cantava a sua gloria!

Rolando uns sobre os outros, os seculos tem Lançando no esquecimento inumeras gera-

Mas eterno nas almas, eterno nos corações, Ficou sempre vibrando esse canto sagrado!

No despontar da vida é como brilhante Que illumina os nossos passos sempre a toda

Fazendo nascer illusões no nosso pensamento.

Mas vem depois a negra realidade Impiedosa e cruel, mostrar-nos a verdade Que o amor é fonte de todo o sofrimento!...

DICK

Já ha dias revelámos o motivo pelo qual a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses tinha nas bilheteiras, em vez dos carranculos machos d'outros tempos, meninas mais ou menos gentis. Agora, vamos dizer-lhes que não foi só para que os passageiros pagassem de boa vontade os exorbitantes preços das passagens, mas também porque as ditas meninas precisavam



ganhar para os seus alfinetes—fadinhas d'elas.

E como os ordenados que a Companhia lhes dá não chegam sendo para os gastos diarios, sem alfinetes, usam as meninas d'um sistema enternecedor. O passageiro dá 10 escudos para pagar um bilhete de 9 escudos e 93 centavos. Logo a pequena:

—Não tenho troco. A não ser que o cavalheiro tenha dez réis ou tres vintens, porque n'esse caso dou-lhe uma cedula de meio tostão ou de tostão.

E' inutil dizer que o cavalheiro não tem dez réis, e muito m nos tres vintens, e que fica encantado por ter occasião de ser agradável á joven exploradora.

Sempre nos saíram umas ratas sábias!

A'leria, tradutores!

A poesia franceza que publicámos no ultimo numero já está dando agua pela barba a meio Portugal. Para que a dê ao outro meio, ela aí vai de novo:

La télégraphie sans fil

De Philadelphie Jusqu'aux bords du Nil,

La télégraphie

Sans le moindre fil

Va permettre à l'homme,

Très prochainement,

De pouvoir en somme

Causer librement.

Cette invention merveilleuse

Fera, je crois, beaucoup d'heureux

Mais elle sera précieuse

Surtout pour tous les amoureux!

Lorsqu'ils le voudront,

Bientôt ils pourront

Sans être vus de personne,

Tendrement,

Sans même qu'on les rousponne,

Exchange plus d'un serment

Grâce à ce nouveau système,

On pourra dire: Je l'aime

Même

Au nez d'un époux jaloux!



Árca das dactilografias

EM FOCO

Como a imprensa diaria está redun- dissima, é claro que as noticias que publica teem de ser comprimidas e assim não admira que, um dia d'estes, uma das folhas que actualmente entre- teem a curiosidade publica, no resumo d'uma das sessões do Senado se limi- tasse a dizer que o sr. Julio Ribeiro apresentou uma proposta de lei sobre («ácerca» seria talvez mais sério) as dactilografias.

Ora, que diria a proposta de lei! A noticia dada n'aqueles termos, pouco vale. Lá temos, pois, de a completar, graças á nossa cuidadosissima infor- mação :

«Atendendo, a que as dactilografias, etc. etc., hei por bem decretar o se- guinte :

«Artigo 1.º — O serviço dactilografi- co, executado por individuos do sexo



Ha quem censure a minha teimosia
Em focar a figura d'um jumento
Quando entra o mês de Março, e eu cá
sustento
Que bem se justifica esta mania.

Não é por eu ser pobre em fantasia
Nem é por falta d'homens de talento,
E' que um burro tem mais merecimento
Do que os homens, na sua maioria.

O coice? Mas do coice d'uma besta
Se não se lhe pas- ar na rectagorda
Livra-se uma pessoa, ou sendo lesta,

E eu já tenho levado coice em barda
De muita gente, burra manife- ta,
Que bem necessitava d'uma albarda!

BELMIRO.



feminino, será considerado provisório e como tirocinio para o casamento.

«Artigo 2.º — Todo o rapaz solteiro, quando chegar á idade propria, é obriga- do a namorar uma ou mais dactilogra- fias.

«Artigo 3.º — Nos registos civis não se efectuará casamento algum sem o noivo provar, por documento idoneo, que a noiva é dactilografa ou que, se o não for, nenhuma dactilografa o quiz para marido.

«Artigo 4.º — Não é preciso revogar a legislação em contrario, porque não existe.»

Aí está o que os jornais deviam ter publicado.

A magistratura atrapalhada

A magistratura, como todas as clas- ses sociaes que não vivem dos seus rendimentos ou dos do proximo, está a pão e laranja—pão de segunda e laran- ja azeda. Que ha-de fazer para que os poderes publicos lhe deem subvenção condigna?

Uma coisa muito simples e que lem- bramos, sem levar nada pelo conselho, com a nossa habitual generosidade: condenar todos os reus, nada mais.

Como o contrario é que é costume fazer-e, a revolução seria immediata, o que muito convem evitar.

De Espanha

O Consul de Portugal em Madrid in- formou o nosso governo de que se está organisando n'aquella cidade uma ex- posição universal de productos agricola- s e alimentares, convidando os por- tuguêses a concorrerem.

Será conveniente que a exposição se realice dentro em pouco, para termos alguma coisa que expôr; se tiver de- mora, não espere a Espanha que lhe mandemos productos agricolas e ali- mentares, porque já lá os tem todos.

Não pode ser. Aí vai, pois, um acres- centamento ao decreto, remediando a deficiencia, para ser publicado urgen- temente no «Diario do Governo» :

«Artigo... Os presidentes da Re- publica usarão, d'aquí para o futuro, uma espiga bordada a ouro, no braço direito.»

A espiga é razoavelmente simbo- lica.

Livros, livrinhos e livrecos

Foi-se a estrela!

Os proprios presidentes da Republi- ca não estão livres de semsaborias: um decreto recente acaba de lhes dar baixa de posto, passando-os de gene- rais a paisanos — menos que soldados rasos! — e quanto á estrela, que lhes adornava o braço, foi tambem suprimi- da!

Que se tomem estas medidas, de caracter efectivamente urgico, sobre um assunto a par do qual os outros problemas nacionaes não valem dois

—ESTES SIM... VENCERAM—Tal é o título d'um novo livrinho da sr.ª D. Emilia de Souza Costa, oferecido ás creanças e apresentando-lhes exem- plos de pessoas que es deixaram á cele- bridade, em varios ramos, tendo co- meçado humildemente a sua carreira na vida.

A ideia que presidiu á elaboraçào de «Estes sim... venceram» é puramente cristã, ou se quizerem, bolchevista, no bom sentido d'esta palavra. Assim, a sr.ª D. Emilia de Souza Costa enaltece os intellectuais—Alexandre Herculano, Teófilo Braga—e ao mesmo tempo os «manuais», o alfaiate Amieiro e o sapa- teiro Coimbra.

São muito para ler essas 160 paginas.



caracoes, vá que não vá. Agora, que se tomem sem consultar a bela rapa- ziada do «Seculo Comico», eis o que é de estranhar. O resultado é tais medi- das apparecerem sempre incompletas.

Acabou a estrela; bem. Mas então o braço presidencial ha-de ficar desata- viado, como o de qualquer de nós?

Quando a primeira autoridade da na- ção passar na rua, n'á ha-de ser conhe- cida nem cumprimentada?

Num restaurante, onde se servem jantares de mesa redonda.

Ao terminar a refeição, um freguez, vendo que lhe serviram uma maçã pô- de, chama o creado e diz-lhe :

—No «menu» que me apresentaram ha um erro tip grafico...

—Não percebo...

—Onde está «sobremesas variadas» deviam ter posto «sobremesas avaria- das».

Anedocta

Vida barata



A eterna bola de sabão.